



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

KAMILAH BORGES PIMENTEL

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:UM OLHAR ACERCA
DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM
TOCANTINÓPOLIS - TO**

Tocantinópolis /TO

2020

KAMILAH BORGES PIMENTEL

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA:UM OLHAR ACERCA
DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM
TOCANTINÓPOLIS - TO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física, da Universidade Federal do Tocantins como requisito parcial à obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Prof. Me. Bruno Fernandes Antunez.

Tocantinópolis /TO

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

P644t Pimentel, Kamilah Borges.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TOCANTINÓPOLIS - TO . / Kamilah Borges Pimentel. – Tocantinópolis, TO, 2020.

42 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação Física, 2020.

Orientador: Bruno Fernandes Antunez

1. Transtorno do Espectro Autista. 2. Inclusão. 3. Educação Física. 4. Professor. I. Título

CDD 796

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

FOLHA DE APROVAÇÃO

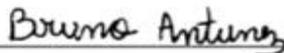
KAMILAH BORGES PIMENTEL

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TOCANTINÓPOLIS - TO

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de Licenciada em Educação Física e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.
Prof. Me. Bruno Fernandes Antunez

Data de aprovação: 07 / 12 / 2020

Banca Examinadora



Prof. Me. Bruno Fernandes Antunez Orientador, UFT



Prof. Dra. Lisiane Costa Claro Examinadora, UFT



Prof. Dr. Mayrhon José Abrantes Farias Examinador, UFT

Tocantinópolis-TO, 2020

Dedico este trabalho ao João Vitor, aluno com TEA que conheci no meu primeiro estágio, foi inspiração para iniciar meus estudos sobre a temática e motivação para seguir adiante.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo amor, força e consolo em meio as dificuldades, sou grata à Ele também por me permitir chegar até aqui.

A toda minha família, em especial minha mãe Rosa e avó Geraldina por sempre cuidarem de mim, me ajudando e aconselhando nas trajetórias da vida.

A minha filha Luiza, por ser exatamente do jeitinho que é. Alegria da minha vida.

A meu esposo Mizael, por seu cuidado e amor, bem como compreensão durante os momentos de apreensão e estresses no decorrer do curso.

A minha sogra Valdir, pela ajuda no cuidado com a Luiza, principalmente nos meus momentos de ausência em decorrência dos estudos.

A meus colegas de turma, por terem abraçado a minha simplicidade, por entenderem minhas “crises” de riso nas aulas e tornarem essa trajetória mais agradável, em especial ao grupo Shawagna Close (Ian, Tácia, Sâmara, Luana) e minha parceira de estágio Natália, todos vocês contribuíram e foram de grande importância em minha formação.

Sou imensamente grata a todos os professores do curso de Licenciatura em Educação Física da UFT de Tocantinópolis, pelos ensinamentos tanto acerca dos conteúdos das disciplinas como também das lições de vida, eu consegui ver e sentir a preocupação e esforço deles em nos proporcionar uma boa formação.

Ao professor e orientador Bruno Antunez, pela dedicação, ensinamentos, sugestões, paciência e principalmente compreensão durante a construção deste trabalho, por ter procurado me entender em momentos difíceis que passei e não ter me deixado desistir.

Aos professores que participaram da coleta de dados deste trabalho de pesquisa.

Enfim, agradeço a todos os citados por terem contribuído de forma direta e/ou indireta para que este momento pudesse chegar.

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento onde ocorre dificuldades de comunicação, interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados juntamente com interesses restritos. Estudos comprovam que professores que trabalham com a educação física escolar sentem-se limitados e inseguros em incluir na mesma turma alunos com e sem deficiência. O presente trabalho teve como objetivo identificar as práticas e dificuldades docentes nas aulas de educação física que apresentam alunos com diagnóstico de TEA na rede pública de ensino da cidade de Tocantinópolis-TO. Em termos metodológicos esta pesquisa é caracterizada como observacional do tipo transversal, descritiva e de abordagem qualitativa e quantitativa, utilizou-se um formulário com questões abertas e fechadas aplicado por meio de entrevista estruturada com professores das escolas municipais e estaduais. Os resultados demonstraram que grande parte dos professores não tiveram preparação ou formação adequada para trabalhar com o referido público de alunos, apesar disso nem todos tiveram dificuldades, e os que tiveram não utilizam nenhuma metodologia para incluí-los por não saber como intervir. Conclui-se que maior parte dos professores enfatizaram a importância do grupo familiar e cuidadores dos alunos para a inclusão dos mesmos nas aulas e que as falhas na formação e qualificação estão presentes durante e após a graduação independente do curso, dificultando a prática docente no que diz respeito às aulas de Educação Física que os professores devem incluir alunos com TEA.

Palavras-chaves: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão; Educação Física; Professor.

ABSTRACT

Autistic Spectrum Disorder (ASD) is a neurodevelopmental disorder where communication difficulties, social interaction, repetitive and stereotyped behavior patterns occur together with restricted interests. Studies show that teachers who work with physical education at school feel limited and insecure in including students with and without disabilities in the same class. The present work aimed to identify the teaching practices and difficulties in physical education classes that present students diagnosed with ASD in the public school system in the city of Tocantinópolis-TO. In methodological terms, this research is characterized as observational, transversal, descriptive and with a qualitative and quantitative approach, using a form with open and closed questions applied through structured interviews with teachers from municipal and state schools. The results showed that a large part of the teachers did not have adequate preparation or training to work with the said audience of students, although not all had difficulties, and those who did not use any methodology to include them because they do not know how to intervene. It is concluded that most of the teachers emphasized the importance of the family group and caregivers of the students for their inclusion in the classes and that the flaws in the training and qualification are present during and after the graduation independent of the course, making the teaching practice difficult in what it says respect to Physical Education classes that teachers must include students with ASD.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder; Inclusion; PE; Teacher.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1- Níveis de gravidade para Transtorno do Espectro Autista.....	15
Gráfico 1- Nível de satisfação dos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de Tocantinópolis -TO sobre a disciplina que abordou a temática do TEA durante a graduação.....	21
Gráfico 2- Qualificação autopercebida para trabalhar com alunos com TEA nas aulas de Educação Física dos professores da rede municipal e estadual de Tocantinópolis-TO.....	22
Gráfico 3- Nível de importância autopercebida que a família apresenta para a inclusão dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física pelos professores da rede municipal e estadual de Tocantinópolis-TO.....	22

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Caracterização dos docentes que trabalham com alunos com TEA na disciplina de educação física nas escolas municipais e estaduais do município de Tocantinópolis-TO.....21

LISTA DE SIGLAS

TEA- Transtorno do Espectro Autista

CID-10- Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

APA- American Psychiatric Association

TCLE- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

DSM- Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
2.1 Transtorno do Espectro Autista.....	14
2.2 Características do TEA.....	15
2.3 A prática docente e os desafios da inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física	17
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	19
3.1 Tipo de estudo e aspectos éticos	19
3.2. Participantes da pesquisa.....	19
3.3.Critério de inclusão e exclusão	19
3.4. Local da pesquisa.....	19
3.5. Registro de coletas de dados	19
3.6. Procedimentos de coleta dos dados	20
3.7. Procedimentos de análise dos dados	21
4. RESULTADOS	21
5. DISCUSSÕES	24
6. CONCLUSÕES.....	30
6.1 Limitações do estudo	30
6.2 Aplicações práticas	31
REFERÊNCIAS	32
APÊNDICE A- Formulário para professores que estejam trabalhando em aulas de Educação Física com crianças com TEA.....	37
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT (2020).....	41

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento no qual ocorrem dificuldades de comunicação, interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados juntamente com interesses restritos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Além disso, suas manifestações principais são possíveis de serem percebidas antes dos três anos de idade e estende no decorrer da vida (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016). Apesar disso, não existe um indivíduo com TEA que seja igual ao outro em relação às suas características, cada um possui um grau diferente, isto dependerá de suas necessidades de dependência e/ou independência nas atividades do seu dia a dia (CAVALCANTE, 2017). O TEA é um transtorno que não tem cura, mas seus sintomas podem ser diminuídos com intervenção precoce, por isso é importante que o diagnóstico seja realizado o mais cedo possível (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Nos últimos anos o número de crianças com diagnóstico do TEA está crescendo, o predomínio era de uma em cada 10.000 crianças diagnosticadas no ano de 1980 (GAIATO, 2018). Já em, 2018, um levantamento realizado com escolares norte americanos mostrou que uma em cada 59 crianças foram diagnosticadas com TEA (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2018). No Brasil, dados do Ministério da Educação (MEC) indicam que aproximadamente 600 mil alunos de escolas públicas manifestam sintomas do TEA (GAIATO, 2018). Diante disso, ampliar os debates acerca da inclusão de crianças com TEA nas aulas regulares de Educação Física torna-se necessário (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008), especialmente devido às possíveis dificuldades que os educadores encontram durante o processo de escolarização das crianças e jovens (MELLO; HO; DIAS; ANDRADE p. 37, 2013).

O TEA tem sido amplamente investigado, tanto em âmbito nacional, quanto em âmbito internacional, algumas destas sobre o TEA na escola (BOETTGER; LOURENÇO; CAPELLINI, 2013), inclusão nas aulas (CAMARGO; BOSA, 2009; FIORINI; MANZINI, 2016) e as concepções e práticas docentes (SCHMIDT; et al, 2016). Tais investigações tinham o propósito de compreender melhor esse transtorno complexo, pois suas características devem ser analisadas individualmente, já que varia muito de uma pessoa para outra (SILVA, 2015). Em relação ao TEA no âmbito escolar, investigações apontam que a inclusão desses estudantes no ensino regular, parece promover um ambiente de diversidade e facilitar o

desenvolvimento e aprendizagem dos alunos (CAMARGO; BOSA, 2009; MATTOS; NUERNBERG, 2011).

Neste sentido no contexto da inclusão o TEA vem provocando preocupação, pois aluno com TEA se depara com muitos desafios e dificuldades ao ser inserido na escola regular e os professores encontram dificuldades em incluí-los nas aulas, entretanto o professor precisa buscar conhecer as características destes alunos compreendendo seus potenciais e dificuldades para então ajudá-los a transpor seus desafios (SILVA, 2018). Estudos comprovam que professores que trabalham com a educação física escolar sentem-se limitados e inseguros em incluir na mesma turma alunos com e sem deficiência e que essas dificuldades não são causadas somente na área de formação, mas também o ambiente escolar limita a inclusão por causa de suas características administrativas e físicas (FIORINI; MANZINI, 2014). Um estudo recente feito em escolas municipais na cidade de Pelotas-RS demonstrou que professores de Educação Física não sentem-se preparados para incluir alunos com TEA em suas aulas devido às falhas em sua formação acadêmica, onde não possuem compreensão e aportes suficientes para incluírem estes alunos, os desafios também estão relacionados às características dos alunos com TEA (OLIVEIRA; MARTINS; CAMARGO, 2019)

Contudo, até o presente momento, não se encontrou dados precisos relacionados a formação, as práticas docentes e nem as possíveis dificuldades que os professores encontram em incluir nas aulas de educação física alunos com TEA no estado do Tocantins e na cidade de Tocantinópolis. Neste sentido, parte-se da hipótese que as práticas de educação física escolar na cidade de Tocantinópolis que contemplam alunos com TEA usualmente são realizadas por docentes sem formação específica, tanto na sua formação acadêmica quanto nas formações complementares, por esses motivos possivelmente apresentam dificuldades em incluir alunos com TEA em suas aulas. Tal proposta visa auxiliar e preencher possíveis lacunas existentes, que objetivam a melhora das práticas docentes a partir dos resultados obtidos com a presente investigação. Desta forma, o objetivo desta pesquisa foi identificar as práticas e dificuldades docentes nas aulas de educação física que apresentam alunos com diagnóstico de TEA na rede pública de ensino da cidade de Tocantinópolis-TO.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Transtorno do Espectro Autista

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) conforme a literatura é um assunto que está sendo estudado desde o século passado, cujo denominava se autismo (STELZER, 2010). Neste sentido, a palavra “autismo” foi utilizada primeiramente em 1911 pelo médico Eugen Bleuler para representar pessoas com predisposição ao isolamento e que apresentavam dificuldades de interação com outros indivíduos. Porém os trabalhos de Bleuler se ativeram nessa época acerca de pessoas com psicose e esquizofrenia onde relatava o autismo não com o significado que compreendemos atualmente, mas como se fosse “um distúrbio da consciência no qual há desligamento parcial ou absoluto da pessoa em relação à realidade e a vida interior” (STELZER, 2010).

Diante disso Léo Kanner em 1943 foi quem deu início aos estudos sobre o transtorno onde as 11 crianças descritas por ele tinham características demonstradas hoje em dia pelos indivíduos com TEA, nesses 11 casos ocorria uma “incapacidade de relacionar se” da maneira habitual com o próximo desde os primeiros anos de nascimento (KANNER, 1943). Nessa época as pessoas autistas eram vistas como retardadas, entretanto Kanner deixou em evidência que essas pessoas apresentavam dificuldades nas interações com outros indivíduos, objetos e com o ambiente, sendo o pioneiro a diagnosticar o denominado, autismo infantil (ARAÚJO, 2016).

No ano seguinte, em 1944 Hans Asperger nomeou um estudo feito por ele com quatro crianças como “psicopatia autística”, Asperger desconhecia os estudos de Kanner e discorreu que as crianças dispunham de dificuldades em se incluir em grupos descrevendo assim um transtorno caracterizado por um retraimento social, mas diferentemente dos pacientes de Kanner nesses quatro casos não tinha como identificar o transtorno nos primeiros anos de vida pois tinham uma linguagem muito precisa para a idade e desta forma somente poderiam ser diagnosticadas ao falar, outras características é que tinham incoordenação motora e carência na comunicação não- verbal (KLIN, 2006). Asperger escreveu ainda que quem possuía o transtorno apresentava “[...] Interesses específicos, fixação anormal, brincadeiras e movimentos estereotipados e comportamentos ritualizados [...]” (PEARCE, 2006 apud STELZER, 2010).

Enquanto que três das onze crianças descritas por Kanner não “falavam nada” e as demais tivessem comprometimento importante da linguagem, os meninos de

Asperger “falavam como pequenos adultos”. Adicionalmente, Kanner descrevia que as crianças apresentavam coordenação motora prejudicada, com preservação das capacidades motoras finas. Asperger, por outro lado, descrevia que ambas as capacidades estavam comprometidas (STELZER, 2010).

Em 1952 foi lançada a primeira versão do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM). Porém somente em 1987 foi publicado o DSM III exibindo parâmetros diagnósticos relacionados ao autismo que ficou definido como “transtorno invasivo (ou global) do desenvolvimento (TDI)”. Após sete anos houve outra versão, onde em 1994 publicou-se o DSM-IV incluindo mais critérios para o diagnóstico do autismo, padronizando mundialmente os sistemas de avaliação do DSM-IV como também da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial da Saúde- CID-10 (KRÜGER, 2015).

Assim sendo, os estudos sobre o autismo continuaram e em 2013 a última versão publicada até o momento foi lançada, o DSM-V que classificou o autismo como Transtorno do Espectro Autista (TEA) envolvendo o autismo e outros transtornos tais quais: Síndrome de Asperger, Transtorno Desintegrativo e o Transtorno Global do Desenvolvimento, todos estes estão desde então dentro do TEA, sendo que este pode ser classificado em nível 1, nível 2 ou nível 3, conforme as características, necessidades e dependências do indivíduo com TEA (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Logo, as definições do Transtorno do Espectro Autista usadas na atualidade estão expostas no DSM-V de 2013 e na CID-10.

Os sintomas desses transtornos representam um *continuum* único de prejuízos com intensidades que vão de leve a grave nos domínios de comunicação social e de comportamentos restritivos e repetitivos em vez de constituir transtornos distintos. Essa mudança foi implementada para melhorar a sensibilidade e a especificidade dos critérios para o diagnóstico de transtorno do espectro autista e para identificar alvos mais focados de tratamento para os prejuízos específicos observados (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013).

2.2 Características do TEA

A lei nº 12.764 estabeleceu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, esta lei afirma que para todos os efeitos legais a pessoa com TEA é considerada uma pessoa com deficiência (BRASIL, 2012). O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento onde ocorrem dificuldades de comunicação, interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados juntamente com interesses restritos (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013). Além disso, suas manifestações principais são possíveis de serem percebidas antes dos três

anos de idade e estende-se no decorrer de toda a vida (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016). Portanto, de acordo com a APA (2013) o TEA,

[...] caracteriza-se por déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, incluindo déficits na reciprocidade social, em comportamentos não verbais de comunicação usados para interação social e em habilidades para desenvolver, manter e compreender relacionamentos. Além dos déficits na comunicação social, o diagnóstico do transtorno do espectro autista requer a presença de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades.

Apesar disso, não existe um indivíduo com TEA que seja igual ao outro em relação às suas características, cada um possui um grau diferente podendo ser leve, moderado ou severo, isto dependerá de suas necessidades de dependência e/ou independência nas atividades do seu dia a dia (CAVALCANTE, 2017). O TEA é um transtorno que não tem cura, mas seus sintomas podem ser diminuídos se ocorrer uma intervenção precoce por isso é importante que o diagnóstico seja realizado o mais cedo possível (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2019).

Quadro 1 - Níveis de gravidade para Transtorno do Espectro Autista

NÍVEL DE GRAVIDADE	COMUNICAÇÃO SOCIAL	COMPORTAMENTOS REPETITIVOS E RESTRITOS
Nível 3 “exigindo apoio muito substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, limitação em iniciar interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 2 “exigindo apoio substancial”	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal, prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio, limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem dos outros.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou as ações.
Nível 1 “Exigindo apoio”	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode aparentar pouco interesse por interações sociais.	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à independência.

Fonte: American Psychiatric Association (2013).

Vale dizer que o professor não é o profissional apto para indicar o nível de TEA que o aluno tem, porém o quadro acima mostra os níveis de gravidade do TEA, podendo ser utilizado como suporte para compreensão nos estudos dos professores que trabalham com estes alunos, pois por meio destas características pode se planejar aulas de acordo o nível que o aluno está inserido. Neste sentido, de acordo com Barbosa et al. (2013) é fundamental que os professores de um aluno com TEA conheça suas dificuldades e características, porque deste modo ele conseguirá planejar suas aulas voltadas à todos os seus alunos, proporcionando experiências de aprendizado tanto para o aluno com TEA quanto para os demais alunos da turma.

2.3 A prática docente e os desafios da inclusão de alunos com TEA nas aulas de educação física

A Educação Física dispõe de um amplo conteúdo composto por várias manifestações corporais originadas pelo ser humano no decorrer dos anos (DARIDO, 2005). Essas manifestações podem ser as lutas, brincadeiras, danças, ginásticas, esportes, jogos, dentre outras. Desta forma considera-se por Educação Física a área que pesquisa e trabalha acerca da cultura corporal do movimento humano (DAÓLIO, 2004; ROSÁRIO; DARIDO, 2005). Além disso, a Educação Física é vista como essencial quando se trata de inclusão escolar, permitindo nas aulas a participação de alunos que demonstram alguma dificuldade (RODRIGUES, 2003). Portanto, os professores que trabalham com a Educação Física escolar precisam incluir os alunos com TEA estimulando-os a participarem de suas aulas.

A inclusão escolar é receber o aluno sem o diferenciar pelas suas condições físicas ou psicológicas e dar-lhe acesso ao aprendizado juntamente com todos os outros para que se desenvolvam realizando suas capacidades e exercendo seu direito a uma educação de qualidade levando em consideração suas características e necessidades (SILVA, 2015). Entretanto, muitos profissionais sentem dificuldades em realizar a inclusão de alunos com TEA em suas aulas de educação física tendo em vista a falta de formação na graduação ou especializações depois da graduação (SILVA, 2015). Um levantamento realizado em 2018 com escolares norte americanos mostrou que uma em cada 59 crianças foram diagnosticadas com TEA (CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION, 2018). Já no Brasil, baseando-se em dados do Ministério da Educação (MEC) quanto ao número total de discentes matriculados no ano de 2015, diz que aproximadamente 600 mil alunos de escolas públicas manifestam sintomas do TEA (GAIATO, 2018).

Neste sentido, no contexto da inclusão, o TEA vem provocando preocupação onde o aluno com TEA se depara com muitos desafios e dificuldades ao ser inserido na escola regular e os professores encontram dificuldades em incluí-los nas aulas, entretanto o professor precisa buscar conhecer as características destes alunos compreendendo seus potenciais e dificuldades para então dedicar-se a ajudá-los a transpor seus desafios (SILVA, 2018). No entanto, os professores e demais profissionais da área de educação escolar parecem não ter uma preparação e nem motivação para dedicar-se ao aprendizado dos alunos com TEA em suas aulas, como também a família destes alunos não demonstram interesse em colaborar e auxiliar a sua interação neste contexto (SILVA, 2015). Desta forma, isso dificulta ainda mais o aprendizado dos alunos com estas limitações, especificamente nas aulas de Educação Física. Diante disso, ampliar os debates acerca da inclusão de crianças TEA nas aulas regulares de Educação Física torna-se necessário (RECHINELI; PORTO; MOREIRA, 2008), especialmente devido às possíveis dificuldades que os educadores podem encontrar durante o processo de escolarização das crianças e jovens (HO; DIAS; MELLO; ANDRADE p. 37, 2013).

Nota-se ainda, que a formação acadêmica na graduação de professores parece não ser suficiente para atender alunos com deficiências, pois eles não se consideram preparados ao terminarem a graduação se deparando com inúmeras dificuldades ao assumirem a frente de uma sala de aula, onde o professor aprende com os erros em sua prática vivenciando situações que não foram experienciadas nos estágios, interferindo assim no aprendizado do aluno (ARAÚJO, 2016). Logo percebe-se a necessidade que estes professores têm de buscar formações específicas nesta área, tendo em vista que suprir esses desafios é essencial.

Em suma, estudos comprovam que professores que trabalham com a educação física escolar sentem-se limitados e inseguros em incluir na mesma turma alunos com e sem deficiência e que essas dificuldades não são causadas somente na área de formação, mas também o ambiente escolar limita a inclusão por causa de suas características administrativas e físicas (FIORINI, MANZINI, 2014). Contudo estas barreiras aparentemente são improváveis de se vencê-las, entretanto buscando estímulos para os alunos e realizando um trabalho em equipe com a escola estas barreiras podem ser supridas (AMBRÓS, OLIVEIRA, 2017).

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Tipo de estudo e aspectos éticos

Esta pesquisa é caracterizada como observacional do tipo transversal, descritiva e de abordagem qualitativa e quantitativa (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012; DUQUIA, 2007; JACOBSEN, 2016; KERBAUY, 2017). A pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos através da Plataforma Brasil sob o número de CAAE: 32229020.0.0000.5519. Todos os participantes consentiram a participação na pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

3.2. Participantes da pesquisa

Constituiu-se de 10 professores, porém 1 professor enquadrou-se nos critérios de exclusão por não ter se disponibilizado a responder o formulário. Logo, a população foi composta por 9 docentes das escolas municipais e estaduais de ensino da cidade de Tocantinópolis- TO. Dentre esses, 2 tem graduação no curso de Normal Superior, 4 em Pedagogia e 3 em Educação Física.

3.3.Critério de inclusão e exclusão

Cumpriram-se estes critérios de inclusão: os professores que trabalham com a Educação Física na escola e que tinham alunos que apresentem diagnóstico de TEA regularmente matriculados. Já os critérios de exclusão foram: não responder o formulário completamente; não ter interesse em respondê-lo mesmo que tenha algum aluno com TEA nas suas aulas ou ainda quem tivesse aluno somente com suspeita, sem diagnóstico de TEA.

3.4. Local da pesquisa

A pesquisa foi realizada em 7 escolas da rede municipal e estadual da cidade de Tocantinópolis-TO, entre essas 4 são municipais, 3 estaduais e todas fazem parte da zona urbana.

3.5. Registro de coletas de dados

Os dados foram coletados utilizando de um formulário constituído com perguntas abertas e fechadas. Neste utilizou-sea escala *Phrase Completion*, pois esta escala tem um

padrão de 11 pontos (0-10) onde mede de maneira correta, tendo validação sobre o que está sendo investigado, facilitando assim um bom entendimento tanto para os pesquisadores quanto para os participantes (JÚNIOR; COSTA, 2014). De acordo Selltiz (1965 apud OLIVEIRA et al, 2013) formulário "é o nome geral usado para designar uma coleção de questões que são perguntadas e anotadas por um entrevistador numa situação face a face com outra pessoa". Ou seja, o entrevistado responde os questionamentos de forma oral e o pesquisador anota as respostas (JACOBSEN, 2016).

Aplicou-se o formulário em forma de entrevista estruturada com duração de aproximadamente 25 minutos, onde não foi autorizado fazer qualquer tipos de consultas, salvo tirar dúvidas quando não se entendia a pergunta realizada. Foi utilizado como recurso complementar um aparelho de celular como gravador de áudio para captação das respostas. As entrevistas foram realizadas em ambiente fechado com apenas o entrevistador e o participante da pesquisa.

3.6. Procedimentos de coleta dos dados

Primeiramente buscou se informações na Diretoria Regional de Ensino (DRE) acerca da quantidade de professores que trabalhavam com a Educação Física escolar e tinham alunos com diagnóstico de TEA. No entanto não se conseguiu dados precisos e foi orientado que o pesquisador realizasse visita nas escolas a fim de coletar as informações relacionadas ao diagnóstico dos alunos.

Na sequência realizou-se visitas em todas as escolas municipais e estaduais da cidade de Tocantinópolis apresentando a proposta do projeto para o diretor e/ou coordenador de cada instituição, portando também uma Carta de Autorização para que fosse assinada pelos responsáveis das escolas que tinham professores que trabalhavam nas aulas de Educação Física com alunos com diagnóstico de TEA. No total foram visitadas 24 escolas (zona urbana e zona rural), onde 9 estaduais e 15 municipais. Destas, foram 7 escolas que expuseram o diagnóstico de TEA dos alunos e apresentaram os 10 professores que trabalhavam com a Educação Física com estes alunos, onde apenas 1 não demonstrou interesse em ser participante da pesquisa e foi incluído nos critérios de exclusão da presente investigação. Todos os responsáveis pelas escolas incluídas na amostra assinaram a Carta de Autorização para posterior realização da pesquisa em salas contidas no ambiente escolar. Logo após apresentar o projeto e obter as assinaturas, os encontros para a aplicação dos formulários foram antecipadamente agendados com cada professor que sugeriram suas datas de

planejamento na escola. Desta forma os encontros ocorreram em turno matutino e vespertino de acordo a disponibilidade de cada professor, e aconteceram nas salas de planejamento de cada escola com a presença apenas do pesquisador e do participante da pesquisa, com durabilidade de aproximadamente 25 minutos cada, contendo o formulário 15 perguntas abertas e fechadas. Todos assinaram o TCLE antes da entrevista.

3.7. Procedimentos de análise dos dados

Os dados foram tabulados na planilha eletrônica Microsoft Excel 2016. Para as análises dos dados utilizou-se o software SPSS v. 22. Foram conduzidas análises descritivas (percentual, média, desvio padrão, valores máximos e mínimo).

4. RESULTADOS

Foram entrevistados 9 professores que trabalham com alunos com diagnóstico de TEA nas aulas de Educação Física, sendo 3 homens e 6 mulheres. Destes, 7 deles fizeram suas graduações em instituições públicas e 2 em instituições privadas, os quais 3 são formados em Educação Física, 2 em Normal Superior e 4 em Pedagogia. 7 deles são graduados e 2 especialistas, além disso os 3 professores formados em Educação Física trabalham em escolas estaduais e os outros 6 trabalham em escolas municipais. Apenas 2 professores relataram ter uma disciplina durante sua graduação que abordou a temática do TEA, 1 com graduação em Educação Física e 1 em Pedagogia. Um deles afirmou ter participado de palestras que abordaram a temática durante a graduação. 44% dos professores relataram ter dificuldades em incluir alunos com TEA nas aulas de Educação Física, 67% disseram não ter tido preparação para trabalhar com alunos com TEA após a graduação e 89% citou que seu local de trabalho não ofertou qualificações para trabalhar com este alunos. Contudo, 33% declararam não utilizar nenhuma metodologia para incluí-los.

Deste modo, quando questionados acerca da importância da formação específica que aborda a temática do TEA, 100% dos professores classificaram como muito importante. Todos também classificaram como muito importante a necessidade de formação complementar para professores de alunos com TEA. Em relação ao auxílio/presença do cuidador nas aulas de Educação Física todos classificaram como muito importante. No momento em que foram indagados sobre a presença do auxílio de um cuidador para o aluno nas aulas, 1 professor afirmou que seu aluno com TEA não tem este auxílio. Questionou-se também se a família dos alunos já tinham impedido alguma vez que eles participassem das

aulas de Educação Física e todos dos professores responderam que não. Quando questionados se teriam algo a sugerir para que a inclusão dos alunos ocorresse, todos os professores manifestaram sugestões.

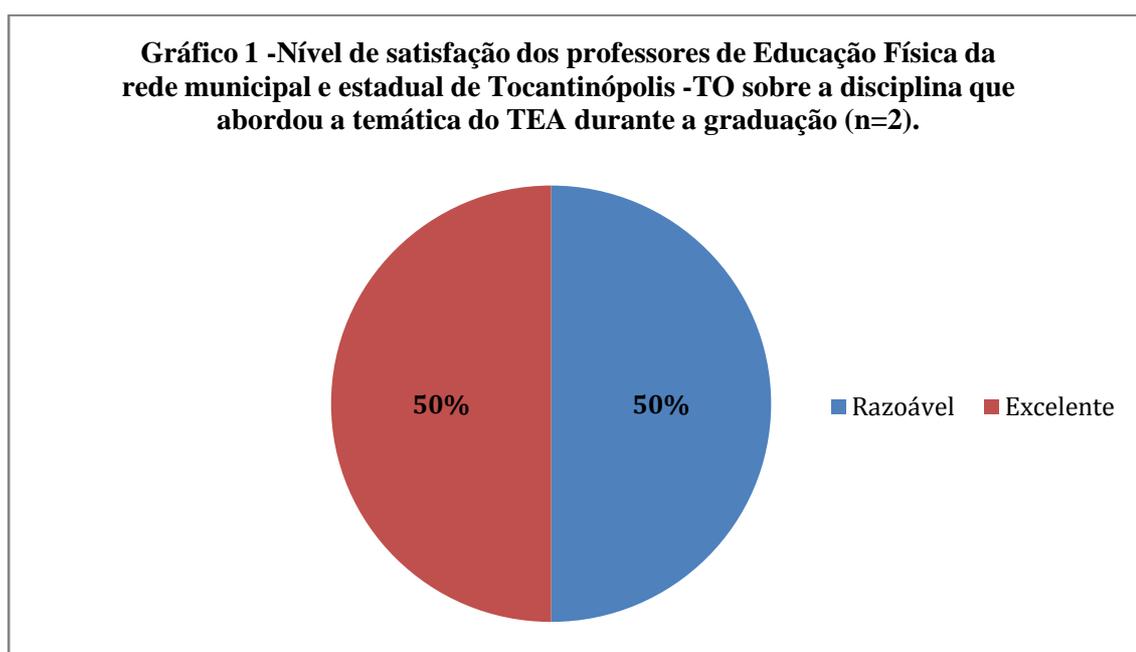
Tabela 1- Caracterização dos docentes que trabalham com alunos com TEA na disciplina de educação física nas escolas municipais e estaduais do município de Tocantinópolis-TO (N=9).

Variável	Valor Mínimo	Valor Máximo	Média	dp
Idade (anos)	27	54	41,78	7,72
Tempo de Docência (anos)	2	29	15,89	9,11
Tempo de atuação na escola (anos)	1	21	7,22	7,27

Legenda: dp = desvio padrão

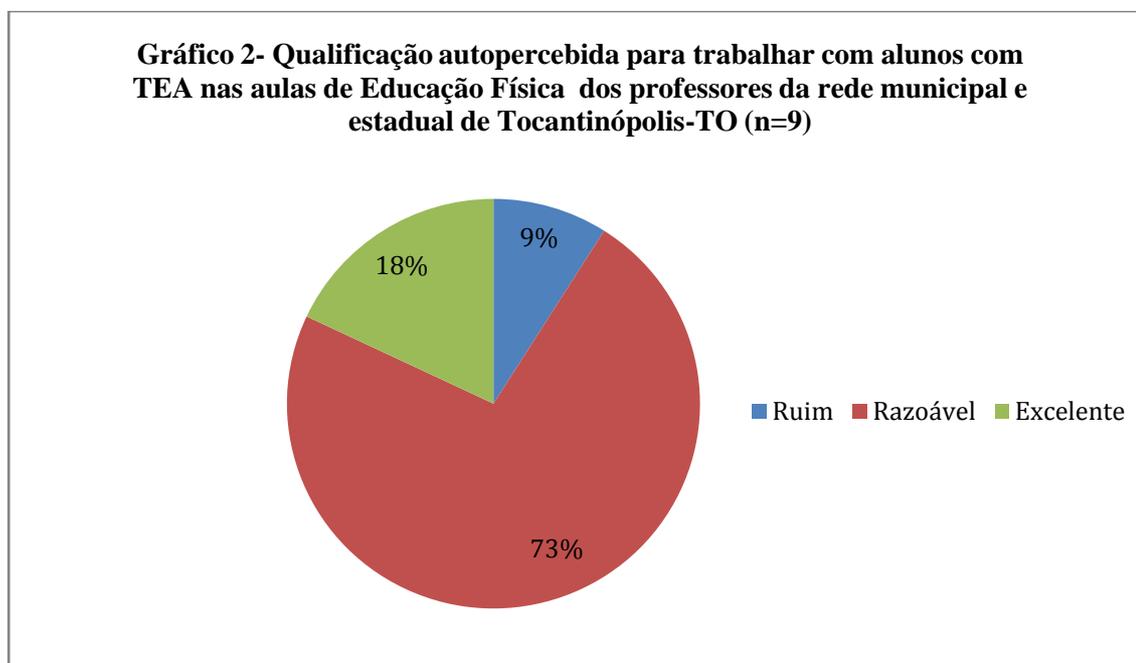
Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O gráfico 1, demonstra o nível de satisfação dos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de Tocantinópolis-TO sobre a disciplina que abordou a temática do Transtorno do Espectro Autista (TEA) cursada durante a graduação. A pontuação média na escala *Phrase Completion* (0-10) foi de $8,50 \pm 2,1$ pontos, sendo que 1 classificou como razoável, 1 como excelente e 7 não cursaram a disciplina.



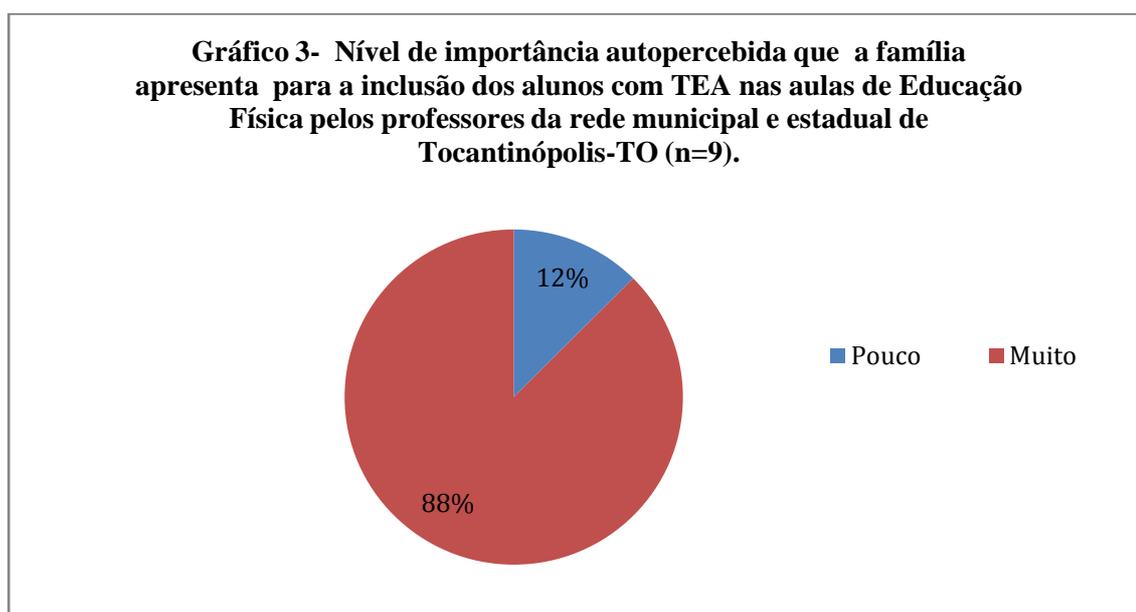
Fonte: Dados da pesquisa(2020)

O gráfico 2, demonstra a qualificação autopercebida dos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de Tocantinópolis-TO para trabalhar com alunos com TEA. A pontuação média na escala *Phrase Completion* (0-10) foi de $5,67 \pm 2,5$ pontos.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

O gráfico 3, demonstra o nível de importância autopercebida pelos professores de Educação Física da rede municipal e estadual de Tocantinópolis-TO que a família para a inclusão dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física. A pontuação média na escala *Phrase Completion* (0-10) foi de $9,22 \pm 1,7$ pontos.



Fonte: Dados da pesquisa (2020)

5. DISCUSSÕES

A pesquisa se ateve nas percepções dos professores que trabalham com a Educação Física sobre sua formação e preparação acerca do TEA na educação física escolar, as práticas docentes utilizadas e as dificuldades que os mesmos encontram em incluir seus alunos com TEA nas aulas. Porém, nem todos os professores citaram dificuldades em incluir estes alunos, mas todos relataram a importância de se ter uma formação acadêmica durante ou após a graduação, que aborda essa temática para que a inclusão ocorra de fato. Uma ressalva que vale destaque, é que a maioria dos professores entrevistados que trabalham com a Educação Física e ministram aulas para os alunos com TEA não tem curso de graduação em Educação Física. Neste contexto, segundo consta no art. 31 da Resolução CEB/CNE nº 7/2010 as aulas de Educação Física ficam sob a responsabilidade do professor regente, uma vez que este componente curricular não é ofertado em modo de disciplina específica na educação infantil, e nas séries iniciais até o 5º ano do ensino fundamental (BRASIL,2010). De acordo esta lei os professores pedagogos e normalistas estão aptos a trabalharem nas aulas Educação Física.

O gráfico 1, expressa o nível de satisfação dos professores sobre a disciplina que abordou a temática do TEA durante a graduação, sendo que 50% classificaram as aulas como razoáveis e 50% como excelente, porém a maioria dos professores não cursou disciplina com a temática. Apenas 1 professor afirmou ter participado de palestras que abordaram o TEA durante a graduação. Isto pode estar associado à falta de atenção dos cursos sobre a necessidade dos futuros professores estudarem sobre o tema, como também quando debatido ocorre de forma superficial, não sendo suficiente somente o debate em alguma aula de uma disciplina de Educação Especial. Contudo, a maioria não teve qualquer disciplina que abordasse o tema, o que é preocupante por se tratar de um assunto que os professores se deparam no ambiente de trabalho e os cursos parecem não ofertar preparação prática e nem teórica para tal. Esses achados corroboram com os de Cunha, Zino e Martim (2015) que evidenciaram as falhas da graduação dos professores na teoria e também na prática, porque quase todos os professores disseram não ter recebido nenhum estudo sobre as crianças com TEA durante seu processo de formação na graduação.

O gráfico 2, expressa o nível de qualificação autopercebida dos professores de Educação Física para trabalhar com alunos com TEA. A maioria dos professores classificaram sua qualificação como razoável ou ruim, apenas 18% dos entrevistados se sentem qualificados para trabalhar com seus alunos com TEA. Aproximadamente 67% dos

professores disseram não ter tido preparação para trabalhar com alunos com TEA após a graduação, e 89% citou que seu local de trabalho não ofertou qualificações para trabalhar com estes alunos. Todos classificaram como muito importante a necessidade de formação complementar para os professores de alunos com TEA. É necessário que todos os professores que trabalham com a Educação Física busquem qualificação sobre o TEA tendo em vista a importância destas aulas para o desenvolvimento destes alunos, como também é considerável que as escolas proporcionem esse preparo aos professores. A Educação Física escolar possibilita um ambiente em que os alunos com TEA se desenvolvam através das práticas realizadas pelos professores, os beneficiando do seu direito de inclusão (OLIVEIRA; MARTINS; CAMARGO, 2019). São necessárias mais discussões, reflexões e ações sobre a formação inicial como também cursos de qualificações sobre o TEA para os professores, com o intuito de oferecer uma educação de qualidade para estes alunos (COPETTI, 2012).

O gráfico 3, expressa o nível de importância autopercebida pelos professores que a família apresenta para a inclusão dos alunos com TEA nas aulas de Educação Física, onde 88 % classificaram a família do aluno como muito importante e 12% como pouco importante para a inclusão nas aulas. Essa percepção pode ocorrer devido o apoio da família ser essencial para o desenvolvimento destes alunos, tendo em vista que possivelmente é a família que conhece melhor as características destes indivíduos por conviverem com eles desde os primeiros meses de vida, e conhecendo as características, a família pode oferecer um bom suporte para a escola e professores, em específico os de Educação Física. No entanto, existem famílias que não conseguem oferecer essa assistência por falta de interesse ou por não saber lidar com as individualidades do seu familiar com TEA. A falta do apoio da família de alunos com TEA no processo de inclusão aumenta as dificuldades pautadas pelos docentes (SOUZA; ASSIS, 2015).

Os resultados demonstram que 44% dos professores expuseram suas dificuldades acerca da inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física. Houve os que citaram características do aluno como: falta de concentração, agitação, choro, agressividade, dispersão e/ou não querer participar das aulas. Foi falado também sobre a dificuldade do professor ao incluir devido a quantidade de alunos na turma. Vejamos as falas:

“ Porque o aluno tem muita dificuldade de concentração e fica muito agitado e disperso, como também o aluno tem dificuldade em seguir as regras acordadas ”. (PROFESSORA A)

“Porque o aluno não aceita perder nas atividades que envolvem alguma competição. Ele não gosta de dividir os materiais com os colegas, e ele chora muito, como também grita e é agressivo as vezes”. (PROFESSORA E)

“As vezes sinto dificuldade porque ele não quer participar, porém as vezes ele participa. No terceiro bimestre ele participava, agora no quarto não participou mais”. (PROFESSORA G)

“A quantidade de alunos atrapalha e traz dificuldades para trabalhar as atividades com o aluno com TEA”. (PROFESSOR I)

Dentro deste contexto, uma investigação feita por Souza e Assis (2015) afirma que uma grande quantidade de alunos na mesma turma pode trazer dificuldades para o andamento das aulas dos professores de Educação Física, neste mesmo estudo os professores citam que a conduta desses alunos provoca incômodos que atrapalham a aula e os colegas de turma, mas os autores dizem que, infelizmente, percebemos nestas declarações que estão culpando ou responsabilizando indevidamente os alunos, pois é como se eles fossem culpados de seus comportamentos, porém todos somos diferentes e precisamos considerar e conviver com as adversidades que abrangem toda a sociedade em que vivemos.

Um estudo realizado na cidade de Pelotas-RS, mostrou que frequentemente os professores não conquistaram a participação dos alunos nas aulas em virtude das características e dificuldades que os alunos com TEA apresentam, mas enfatiza-se a relevância que é os professores refletirem acerca das dificuldades dos seus alunos, pois existem ações e estratégias que podem motivar a participação deles, no entanto, precisamos que os professores reconheçam que tais métodos são benéficos ao seu trabalho (OLIVEIRA; MARTINS; CAMARGO, 2019).

As individualidades de pessoas com características diversas, como os alunos com TEA, seguida de “uma prática pedagógica não específica” traz prejuízos ao aprendizado devido os professores sentirem-se inseguros, ocasionando assim uma inadequada intervenção no trabalho com esses alunos (BARBERINI, 2016).Outrossim, é imprescindível que o foco dos professores fique voltado em tentar possibilitar a aprendizagem aos alunos e não ficarem realçando suas próprias dificuldades, em vista que, os alunos com TEA têm possibilidades de aprender (VAZ e SANTOS, 2009, .apud OLIVEIRA, 2017). Todavia, para colocar as

estratégias em prática os professores devem ter um planejamento organizado pensando nas dificuldades dos alunos com TEA levando em consideração o que precisam e querem trabalhar com eles, sendo que mediante todos os alunos da turma que apresentam ou não alguma dificuldade, ter um planejamento com estrutura facilita o preparo e ministração do conteúdo (OLIVEIRA, 2017; OLIVEIRA; MARTINS; CAMARGO, 2019).

Os resultados desta pesquisa também mostraram que 33% dos professores declararam não utilizar nenhuma metodologia de inclusão, alguns porque tem dificuldades e não sabem como intervir, outros porque o aluno não apresenta dificuldade em participar. Já os que afirmaram utilizar algum método, relataram estratégias como a demonstração de como fazer as atividades, carinho, ter proximidade com o aluno, incentivo, modificação de planos de aula se preciso e participar da aula como aluno. Isto é possível de perceber nas falas a seguir:

“Tento ser carinhosa, explico a aula demonstrando como deve ser feita determinadas atividades e fico o mais próxima possível do aluno”. (PROFESSORA A)

“Incentivo sempre ele a participar das aulas. Vejo que ele está se desenvolvendo, pois esse ano aprendeu a pular corda e dançar, por exemplo”. (PROFESSORA B)

“Método de inclusão onde todos participam e brincam. O aluno com TEA sempre participa gosta das aulas”. (PROFESSORA C)

“Sempre o incentivo a participar, ele gosta muito dos brinquedos de encaixe, de pular corda, dentre outras atividades de movimento que proponho. Então o método que uso é só incentivar ele o convidando a participar das atividades”. (PROFESSORA D)

“Costumo modificar os planos de aula porque na maioria das vezes ele não consegue acompanhar os demais alunos na execução das atividades”. (PROFESSOR G)

“Quando eu percebo que o aluno não quer participar eu separo a turma em times e jogo juntamente com os alunos, desta forma ele participa”. (PROFESSOR H)

Diante disto, uma pesquisa feita por Mello, Fiorini e Coqueiro (2019) e um estudo feito por Oliveira, Martins e Camargo (2019) expõe afirmações de professores de Educação Física que não tiveram dificuldades em ministrar aulas para alunos com grau leve de TEA, e então não precisaram fazer adequações em suas metodologias de aula. Trabalhar com crianças com TEA manifesta-se complicado ao examinar o grau do transtorno que o aluno está inserido (PIEKARZ ;BÔA ; BORCHARDT, 2017). Deste modo pode-se dizer que nas escolas os professores podem encontrar alunos com diferentes níveis de gravidade do TEA precisando então estarem preparados para os desafios que surgem, pois o professor tem que está disposto a trabalhar com quaisquer dificuldades que lhe apareçam não se acomodando apenas com os conteúdos estudados na graduação e desta forma buscar novos conhecimentos para que não se surpreenda, por exemplo, ao ter que estimular uma criança com TEA a aprimorar e/ou desenvolver suas habilidades.

No que se refere aos questionamentos sobre o auxílio do cuidador nas aulas de Educação Física 100% classificaram como muito importante e 1 professor afirmou que seu aluno com TEA não tem este auxílio. Diante disto, o art 3.º da Lei 12.764/12 determina que “em casos de comprovada necessidade, a pessoa com transtorno do espectro autista incluída nas classes comuns de ensino regular, nos termos do inciso IV do art. 2º , terá direito a acompanhante especializado” (BRASIL, 2012). Um estudo realizado em Campina Grande-PB relatada presença do cuidador no decorrer da vida escolar de que tem TEA, nesta pesquisa foram destacados diversos aspectos que enfatizaram a importância deste profissional, pois é ele que garante o bem-estar e segurança dos alunos estimulando os no desenvolvimento das suas capacidades enquanto estiverem na escola, os autores também destacaram que o cuidador não deve interceder na didática da aula do professor, mas ser um aliado e trabalharem juntos para que a inclusão ocorra adequadamente de fato (NASCIMENTO *et al.*, 2018). Neste mesmo estudo Nascimento *et al.* (2018) falaram da função do cuidador nas aulas:

[...] o cuidador em análise desempenhava sua função auxiliando a criança portadora de autismo, isso desde a sua chegada, até a sua saída, na higienização, na alimentação, nas atividades lúdicas, nas horas do soninho, na recreação, promovendo junto a professora vivências infantis ricas: sensorial, motora, cognitiva, afetiva e social [...].

Quando questionados se teriam algo a sugerir para que a inclusão dos alunos ocorresse, todos dos professores manifestaram sugestões, a maioria falou que é preciso haver formação específica sobre o TEA. Foi citado também a falta de materiais para serem utilizados nas aulas e a necessidade de o professor que trabalha com a Educação Física ter graduação na área.

A capacitação, formação continuada dos professores e aperfeiçoamento é um dos principais caminhos para que a inclusão seja realizada de fato. Tanto os profissionais da educação como toda a comunidade escolar devem estar preparados para receber esse aluno, através de cursos de formação continuada na área da Educação Especial. O professor também deve estar bem preparado para atender os alunos com deficiência, especialmente o aluno autista e suas peculiaridades, buscando obter uma formação continuada, cursos na área da educação especial e refletir sobre o tema (TEODORO; GODINHO; HACHIMINE, 2016).

Analisemos algumas falas:

“Precisa ter professor de Educação Física formado na área, pois este profissional saberia quais melhores atividades aplicar com estes alunos”. (PROFESSORA A)

“É preciso que seja ofertada para nós professores e equipe pedagógica formação específica na área”. (PROFESSORA B)

“É necessário uma preparação adequada, como formações complementares que abordam a temática”. (PROFESSORA C)

“Deveria ter formação específica na área de educação física para trabalhar melhor com estes alunos nestas aulas. Como também deveria ser ofertado para nós professores, formações complementares que aborde esta temática do TEA. E também faltam materiais para serem utilizados nas aulas, pois o material é pouco”. (PROFESSORA D)

Em um estudo de Catelli, Assis e D’antino (2016) a carência na formação pedagógica e a falta de materiais foram desafios justificados pelos professores entrevistados. Muitas vezes o conhecimento e qualificação não são passados para o profissional em seu processo de formação acerca de determinados assuntos, mas isso é sempre exigido dele no exercer da profissão (QUEDAS, 2015). Então, para que aconteça a inclusão dos alunos com TEA nas instituições regulares de ensino precisamos superar desafios como a qualificação do corpo docente, uma vez que a inclusão não ocorre somente matriculando o aluno na escola, neste sentido é fundamental que professores e demais equipe escolar procurem ampliar seus conhecimentos para que fiquem aptos a atender estes alunos (FERNANDES, SILVA, 2016).

6. CONCLUSÕES

Conclui-se que foi possível identificar práticas e dificuldades docentes nas aulas de Educação Física que apresentam alunos com diagnóstico de TEA na rede pública de ensino da cidade de Tocantinópolis-TO, como também compreender a percepção dos professores sobre o cuidador e família do aluno, tal qual acerca da sua formação e preparação para o trabalho com estes alunos especificamente nas aulas de Educação Física.

Contudo, grande parte dos professores não teve preparação ou formação adequada para trabalhar com o referido público de alunos, apesar disso nem todos tiveram dificuldades, e os que tiveram não utilizam nenhuma metodologia para incluí-los por não saber como intervir. Portanto, como a maioria dos professores sugeriram, é necessário que o local de trabalho e/ou órgãos competentes oferecem formação adequada nos cursos de graduação aos futuros profissionais que provavelmente irão encontrar alunos com TEA no ambiente de trabalho, como também é necessário que haja cursos de qualificação para os professores que já trabalham com estes indivíduos, especialmente os que se deparam com dificuldades em sua prática docente. A maior parte dos professores enfatizaram a importância do grupo familiar e cuidadores dos alunos para a inclusão dos mesmos nas aulas, logo percebe-se a relevância que é a parceria entre professores, cuidadores, escola e família.

Vale ressaltar que tanto professores formados em pedagogia ou normal superior quanto em educação física, afirmaram ter dificuldades em trabalhar com os alunos com TEA, enfatizando assim que as falhas na formação e qualificação estão presentes durante e após a graduação independente do curso, dificultando a prática docente no que diz respeito às aulas de Educação Física que os professores devem incluir alunos com TEA.

6.1 Limitações do estudo

É possível apontar algumas limitações no presente estudo, pois foi possível verificar que tanto nas escolas municipais quanto nas escolas estaduais existem muitos alunos que possuem características de TEA, porém até o momento da coleta dos dados ainda não apresentavam o diagnóstico devido fatores externos como: os alunos com suspeita de TEA ainda estavam em fase de consultas com os profissionais aptos, e isto limitou a participação de uma possível quantidade maior de professores na presente investigação tendo em vista que professores que tivessem alunos com suspeita mas sem o diagnóstico de TEA foram excluídos da pesquisa.

Outra limitação foi não ter aplicado o formulário com os cuidadores dos alunos com TEA, pois poderia ser verificado acerca da percepção destes como que é realizado o auxílio nas aulas de Educação Física. Indicamos que estudos semelhantes apliquem instrumentos de pesquisa com os cuidadores dos alunos com TEA, como também mapeiam o número total de alunos com TEA na região afim de detectar maiores dificuldades que ajudem a traçar planos de intervenção adequados para este público. Sugerimos ainda futuros estudos que tentem ampliar as chances de diagnóstico mais cedo em vista de que o diagnóstico foi um fator limitante pois existe a possibilidade de existirem alunos que tem o TEA mas não tem o diagnóstico.

6.2 Aplicações práticas

Sugerimos parcerias entre universidade, comunidade e escolas. A universidade poderá ofertar cursos a partir de projetos de pesquisa e de extensão acerca do TEA, logo o curso seria aberto aos professores e comunidade, para que desta forma englobe os futuros profissionais e familiares dos alunos.

REFERÊNCIAS

- AMBRÓS, D. M.; OLIVEIRA, G. P. O aluno com transtorno do espectro autista na sala de aula: caracterização, legislação e inclusão. *In: 1º SEMINÁRIO LUSO- BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA*, 2017, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: PUCRS, 2017. Eixo temático: Propostas curriculares, interdisciplinaridade e Educação Inclusiva, p. 209-2020. Disponível em: <<http://editora.pucrs.br/anais/i-seminario-luso-brasileiro-de-educacao-inclusiva/assets/artigos/eixo-3/completo-3.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-V**. Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento *et al.* 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2013. Disponível em: <<http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostico-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>>. Acesso em: 24 jan. 2019.
- ARAÚJO, K. B. S. Educação física para crianças autistas: a visão dos professores. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/10741/1/21305966.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- BARBERINI, K.Y. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v.16, n.1, 2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- BARBOSA, *et al.* O papel do professor frente à inclusão de crianças com autismo. *In: XXI CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO*, 2013, Curitiba. **Anais**. Curitiba: PUCP, 2013. Disponível: <https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7969_6165.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- BASTOS, J. L. D; DUQUIA, R. P. Um dos delineamentos mais empregados em epidemiologia: estudo transversal. **Scientia Medica**, Porto Alegre, v. 17, n. 4, p. 229-232, 2007. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/233801639_Um_dos_delineamentos_mais_empregados_em_epidemiologia_Estudo_transversal>. Acesso em: 21 ago. 2020.
- BOETTGER, A. R.S.; LOURENÇO, Ana Carla; CAPELLINI, V. L. M. F. O professor da Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo. **Revista educação especial**, Santa Maria, v.26, n.46, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5833>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- BRASIL. Resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. **Ministério da Educação**. 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf>. Acesso em: 15 set. 2020.
- BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Brasília: Presidência da República Casa Civil, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm>. Acesso em: 15 set. 2020.
- CAMARGO, S. P. H; BOSA, C. A. Competência social, inclusão escolar e autismo: revisão crítica da literatura. **Psicologia & sociedade**, Minas Gerais, v. 21, n. 1, p. 65-74, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326582008.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2019.
- CAVALCANTE, L. S. **Características genéticas e aspectos gerais do Transtorno do Espectro Autista**. Brasília: UNICEUB, 2017. Disponível em: <Disponível

em:<<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/11648/1/21335019.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2014. Estados Unidos, 2018. Disponível em:<<https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/67/ss/ss6706a1.htm>>. Acesso em: 28 jan. 2019.

COPETTI, Jocieli Rosane. **A educação física escolar e o autismo: um relato de experiência no Instituto Municipal de Ensino Assis Brasil (IMEAB) no município de Ijuí (RS).** Ijuí:DHE – Departamento de Humanidades e Educação ,2012. Disponível em:<<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/handle/123456789/1273> >. Acesso em: 30 set. 2020.

CUNHA, I. A. M.; ZINO, N. M. A; MARTIM ,R. C. O. **A inclusão de crianças com espectro autista: a percepção do professor.** Lins: Unisalesiano, 2015. Disponível em:<<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/58533.pdf> >. Acesso em: 28 jul. 2020.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura: polêmicas do nosso tempo.** Campinas: Autores associados, 2004. Disponível em:<<http://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/ed%20fisica/06.%20Educa%E7%E3o%20F%EDsica%20e%20o%20Conceito%20de%20Cultura.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2019

OLIVEIRA, C. R; MARTINS, J. S; CAMARGO, S. P. H. Análise da inclusão escolar de alunos com autismo nas aulas de educação física. **Revista GETS**, Pelotas, v. 2, n. 2, p. 65-83, 2019. Disponível em:<<https://ojs.gets.science/index.php/getts/article/view/52/34>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FERNANDES, A. H; SILVA, R. G. D. S. Formação do professor para a inclusão do aluno com transtorno do espectro autista (tea) na rede regular de ensino. **Cadernos PDE**, Paraná2016. Disponível em:<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edespecial_uem_adrianohidalgofernandes.pdf >. Acesso em: 21 ago. 2020.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Dificuldades e sucessos de professores de educação física em relação à inclusão escolar. **Revista Brasileira de Educação Especial**, p. 49-64, 2016. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v22n1/1413-6538-rbee-22-01-0049.pdf>>. Acesso em: 05 maio. 2019.

FIORINI, Maria Luiza Salzani; MANZINI, Eduardo José. Inclusão de alunos com deficiência na aula de educação física: identificando dificuldades, ações e conteúdos para prover a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação Especial**, p. 387-404, 2014. Disponível em:<<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/114307/S1413-65382014000300006.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 set. 2019

GAIATO, M. **SOS Autismo: Guia completo para entender o transtorno do espectro autista.** 2.ed.São Paulo: nVersos, 2018. 254 p.

JACOBSEN,Alessandra de Linhares. **Metodologia Científica (Orientação ao TCC).** Santa Catarina: UFSC, 2016. Disponível em:<<https://cursodegestaoelideranca.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Apostila-Orienta%C3%A7%C3%A3o-ao-TCC.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

JÚNIOR, S. D. S; COSTA, F. J. Mensuração e escalas de verificação: uma análise comparativa das escalas de Likert e Phrase Completion. **PMKT–Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, Paraíba, v. 15, n. 1-16, p. 61, 2014. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/299659824/1-Mensuracao-e-Escalas-de-Verificacao-Uma-Analise-Comparativa-Das-Escalas-de-Likert-e-Phrase-Completion> >. Acesso em: 21 ago. 2020.

- KANNER, Leo et al. Autistic disturbances of affective contact. **Nervous child**, v. 2, n. 3, p. 217-250, 1943. Disponível em:<http://mail.neurodiversity.com/library_kanner_1943.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2019.
- KLIN, Ami. Autism and Asperger syndrome: an overview. **Revista brasileira de psiquiatria**, New Haven, v. 28, p. s3-s11, 2006. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v28s1/a02v28s1.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2019.
- KRÜGER, Gabriele Radünz. **Atividade física e barreiras em crianças com autismo de Pelotas**. Tese de Doutorado. Dissertação de Mestrado-Programa de pós-graduação da Escola Superior de Educação Física] Pelotas (RS): Universidade Federal de Pelotas, 2015. Disponível em:<<https://wp.ufpel.edu.br/ppgef/files/2016/03/Gabriele-Kr%c3%bcger.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.
- MATTOS, L. K; NUERNBERG, A. H. Reflexões sobre a inclusão escolar de uma criança com diagnósticos de autismo na Educação Infantil. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 129-141, 2011. Disponível em:<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/1989/1720>>. Acesso em: 15 out. 2019.
- MELLO, Ana Maria *et al.* Retratos do autismo no Brasil. **Associação dos Amigos do Autista**, São Paulo, 2013. Disponível em:<<https://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/RetratoDoAutismo-20131001.pdf>>. Acesso em: 14 de out. 2019.
- MELLO, L. A; FIORINI, M. L. S; COQUEIRO, D. P. Benefícios da educação física escolar para o desenvolvimento do aluno com transtorno do espectro autista na percepção dos professores. **Rev. Assoc. Bras. Ativ. Mot. Adapt.**, Marília, v.20, n.1, p.81-98, Jan. - Jun., 2019. Disponível em:<<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/sobama/article/view/9183>>. Acesso em: 29 jul. 2020.
- NASCIMENTO, Edjane Moraes *et al.* A importância do cuidador no processo de inclusão da criança autista na educação infantil. **III Cinted**, Porto Alegre, 2018. Disponível em:<[file:///E:/TCC%20FINAL/textos%20novos/15.%20OK%20"2018"CUIDADOR-TEA.pdf](file:///E:/TCC%20FINAL/textos%20novos/15.%20OK%20)>. Acesso em: 15 set. 2020.
- OLIVEIRA, C. R. **Educação Física escolar e inclusão de alunos com Transtorno do Espectro do Autismo**. Pelotas: UFP, 2017. Disponível em:<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5026500>. Acesso em: 28 jul. 2020.
- OLIVEIRA, José Clovis Pereira *et al.* O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In: III CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em:<<file:///D:/Downloads/o-question-193-rio-o-formul-193-rio-e-a.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2020.
- PIEKARZ, A; BÔA, A. S; BORCHARDT, C. **A importância da Educação Física adaptada para crianças com autismo no ensino regular**. Nova Venécia: Faculdade Capixaba de Nova Venécia, 2017. Disponível em:<<https://multivix.edu.br/wp-content/uploads/2019/04/a-importancia-da-educacao-fisica-adaptada-para-criancas-com-autismo-no-ensino-regular.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2020.
- QUEDAS, Carolina Lourenço Reis. O transtorno do espectro do autismo e a educação física escolar: a prática do profissional da rede estadual de São Paulo. **Centro de Ciências Biológicas da Saúde**. 2015. Disponível em:<<file:///E:/TCC%20FINAL/textos%20novos/6.%20OK%202015-%20forma%20C3%A7%C3%A3o,%20dificuldades-%20feito%20em%20sao%20paulo.pdf>>. Acesso em: 21 de agosto de 2020.

QUEDAS-CATELLI, C; ASSIS, S. B; D'ANTINO, M. E. O Transtorno do Espectro Autista e a Educação Física Escolar: A Prática do Profissional da Rede Estadual de São Paulo. **Atas CIAIQ**, São Paulo, 2016. Disponível em:< <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2016/article/view/592> >. Acesso em: 30 set. 2020.

RECHINELI, A; PORTO, E. T. R; MOREIRA, W. W. Corpos deficientes, eficientes e diferentes: uma visão a partir da educação física. **Rev. bras. educ. espec**, Marília, v. 14, n. 2, p. 293-310, 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/rbee/v14n2/10.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2019.

RODRIGUES, David. A Educação Física perante a Educação Inclusiva: reflexões conceituais e metodológicas. **Boletim Sociedade Portuguesa de Educação Física**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 67-73, 2003. Disponível em: <<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/3649-Texto%20do%20artigo-10135-1-10-20080528.pdf>>. Acesso em: 15 fev. 2019.

ROSÁRIO, L. F. R; DARIDO, S. C. A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz. Journal of Physical Education**, São Paulo: UNESP, p. 167-178, 2005. Disponível em:<<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/78>>. Acesso em: 20 out. 2019.

SCHMIDT, Carlo *et al.* Inclusão escolar e autismo: uma análise da percepção docente e práticas pedagógicas. **Psicologia: teoria e prática**, São Paulo, v. 18, n. 1, p. 222-235, 2016. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/ptp/v18n1/17.pdf>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

SILVA, I. A. S *et al.* O papel do professor frente aos desafios da inclusão de aluno autista. Brasília:UNB, 2015. Disponível em:<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/15752/6/2015_IsaildeAlvesDosSantosSilva_tcc.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2019.

SILVA, M. T. Educação inclusiva: a aprendizagem e educação do aluno autista (tea). 2018. Disponível em:<https://repositorio.pgsskroton.com.br/bitstream/123456789/22746/1/MARLEIDE_TAVARES_D_A_SILVA.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2019.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA *et al.* Transtorno do Espectro do Autismo. **Manual de Orientação Departamento Científico de Pediatria do Desenvolvimento e Comportamento**, nº 05, 2019. Disponível em:<https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/Ped._Desenvolvimento_-_21775b-MO_-_Transtorno_do_Espectro_do_Autismo.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2019.

SOUZA, J. R; DE ASSIS, R. M. Alunos autistas nas aulas de educação física: limites e possibilidades do trabalho cotidiano. **Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino (EDIPE) do Centro de Estudos e Pesquisas em Didática (CEPED)**, v. 6, 2015. Disponível em:< <file:///E:/TCC%20FINAL/textos%20novos/9.%20OK%202015-inclusao,%20forma%C3%A7%C3%A3o...goi%C3%A1s.pdf> >. Acesso em: 30 de junho de 2020.

SOUZA, K. R.; KERBAUY, M. T. M. Abordagem quanti-qualitativa: superação da dicotomia quantitativa-qualitativa na pesquisa em educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 31, n. 61, p. 21-44, 2017. Disponível em:< <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducaoFilosofia/article/view/29099> >. Acesso em: 22 ago. 2020.

STELZER, Fernando Gustavo. Uma pequena história do autismo. **Cadernos Pandorga de Autismo**. São Leopoldo, v. 1, 2010. Disponível em:< <https://docplayer.com.br/6834601-Uma-pequena-historia-do-autismo.html> >. Acesso em: 10 ago. 2019.

TEODORO, G. C; GODINHO, M. C. S; HACHIMINE, A. H. F. A inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Fundamental. **Research, Society and Development**, Batatais, v. 1, n. 2, p. 127-143, 2016. Disponível em: < <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6070066>>. Acesso em: 10 ago. 2019.

THOMAS, J.; NELSON, J.; SILVERMAN, S. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Artmed, 2009.

VAZ, R. C. S.; SANTOS, C. S. **Inclusão e Educação Física escolar: realidades e possibilidades para o aluno com autismo na escola comum**. Universidade Federal de Goiás, 2009. Disponível em: < <http://www.seer.ufu.br/index.php/olharesetrilhas/article/view/13869/7933> >. Acesso em: 21 ago. 2020.

**APÊNDICE A- Formulário para professores que estejam trabalhando em aulas de
Educação Física com crianças com TEA.**

Formulário

**TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR ACERCA DAS PRÁTICAS
DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TOCANTINÓPOLIS - TO**

PARTE 1

Nome do professor (a): _____

Data de nascimento: ____/____/____ **Sexo:** () M () F

Nome da Escola: _____

Tempo de docência (anos): _____ **Tempo de atuação na escola (anos)** _____

Formação acadêmica: _____

Qual instituição de ensino formou: _____

Ano que formou: _____

Idade do aluno com TEA: _____ **Ano do aluno com TEA:** _____

PARTE 2

1. Durante a graduação você teve alguma disciplina que abordasse a temática do Transtorno do Espectro Autista (TEA) ?

() Sim Qual? _____

() Não

2. Em sua graduação, em algum momento houve preparação para o trabalho com indivíduos com TEA (projetos de extensão, projetos de pesquisa, cursos, palestras...)?

() Sim Quais? _____

() Não

3. Somente com resposta afirmativa na questão 1. Qual nível de satisfação relacionado à disciplina que abordou a temática do Transtorno do Espectro Autista (TEA)?

Ruim			Razoável					Excelente		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

4. Após sua graduação você fez alguma formação complementar para trabalhar com indivíduos com TEA?

() Sim Qual? _____

() Não

5. O seu local de trabalho já ofertou formação em inclusão de alunos com TEA nas aulas de Educação Física?

() Sim Qual? _____

() Não

6. Em uma escala de 0 a 10 o quão qualificado você se sente para trabalhar com alunos com TEA nas aulas de Educação Física?

Ruim			Razoável					Excelente		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

7. Na sua percepção o quão importante é que professores que trabalham com a educação física escolar tenham uma formação acadêmica que aborde a temática do TEA?

Nenhum	Pouco	Muito

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

8. Na sua percepção, qual o nível de importância da formação complementar para qualificação dos professores que tenham alunos com TEA nas aulas de Educação Física?

Nenhum			Pouco				Muito			
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

9. Você sente dificuldades em incluir alunos com TEA nas aulas de educação física?

() Sim

() Não

Se sim, quais?

10. Você utiliza algum método para incluir alunos com TEA em suas aulas de educação física?

() Sim

() Não

Se sim, quais?

11. O aluno com TEA tem o auxílio de um cuidador nas aulas?

() Sim

() Não

12. Quão importante é para você o auxílio/presença do cuidador nas suas aulas de Educação Física?

Nenhum			Pouco					Muito		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

13. A família do aluno com TEA já impediu alguma vez que ele participasse das aulas de Educação Física?

() Sim

() Não

14. Na sua percepção, qual é o nível de importância que a família apresenta para inclusão dos alunos com TEA nas aulas de educação física?

Nenhum			Pouco					Muito		
0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

15. Você teria algo a sugerir para que o trabalho de inclusão dos alunos com TEA ocorra nas aulas de Educação Física?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido UFT (2020)

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Convidamos o(a) Sr(a) para participar da Pesquisa ***TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: UM OLHAR ACERCA DAS PRÁTICAS DOCENTES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM TOCANTINÓPOLIS – TO***, sob a responsabilidade da pesquisadora **Kamilah Borges Pimentel**.

OBJETIVO DO ESTUDO: identificar as práticas e dificuldades docentes nas aulas de educação física que apresentam alunos com diagnóstico de TEA na rede pública de ensino da cidade de Tocantinópolis-TO.

METODOLOGIA: será realizado um levantamento do número de professores de Educação Física ou que trabalham com a Educação Física das escolas municipais e estaduais da cidade de Tocantinópolis-TO. Em seguida, será feita a visita nas escolas, onde será apresentado o projeto para os professores de Educação Física e o diretor das escolas. A entrevista se dará durante o período letivo e a aplicação do questionário será de acordo com a disponibilidade dos professores. À cada professor será mencionado os objetivos da pesquisa e será esclarecido quaisquer dúvidas. Não será permitido a realização de consultas para responder o questionário.

PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS: sua participação é voluntária e se dará por meio de respostas a um questionário realizado em forma de entrevista, este terá duração máxima de 25 minutos. A entrevista será realizada em um ambiente fechado que terá a presença apenas do participante e do entrevistador. Como recurso, será utilizado um gravador de áudio para captação das respostas. Tal gravação será mantida em sigilo e logo destruída após a transcrição dos dados pelo entrevistador.

DESISTÊNCIA DO PARTICIPANTE: em qualquer momento da coleta de dados você tem o direito de desistir ou de não realizá-lo sem qualquer prejuízo.

CONTRIBUIÇÃO DO PARTICIPANTE: o seu aceite contribuirá para o aumento de conhecimento científico da área da educação física, em especial na área que envolve a inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Os levantamentos irão contribuir direta e indiretamente para o planejamento de novas metas na produção de conhecimento e possibilitará o mapeamento da atual condição que o professor que trabalha com a educação física encontra nas suas aulas. Além disso, trata como benefício ao participante uma autorreflexão sobre a temática no ambiente escolar.

RISCOS AO PARTICIPANTE: esta investigação não implicará em danos aos entrevistados. Todos os dados serão sigilosos e coletados após aprovação no comitê de ética em pesquisa com seres humanos. Os participantes da pesquisa poderão em qualquer momento negar-se a responder as perguntas ou desistir do estudo em caso de desconforto, vergonha, medo, estresse, cansaço, constrangimento e até mesmo se sentir perseguido, já que o conteúdo abordado talvez não tenha sido estudado durante a graduação ou em especializações dos entrevistados. Ressalta-se mais uma vez que, para minimizar possíveis constrangimentos, as entrevistas serão realizadas em local fechado apenas com a presença no participante da pesquisa e do entrevistador. Será marcado uma data com o participante da pesquisa em que esteja disponível para responder as questões elaboradas, será lido junto ao participante da pesquisa o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a entrevista será realizada de forma oral com o participante da pesquisa, sempre explicando e exemplificando as questões apresentadas.

BENEFÍCIOS AO PARTICIPANTE: a importância desta investigação será em contribuir com os esclarecimentos de informações que possam conscientizar os profissionais, principalmente os professores que trabalham com a educação física na escola, sobre a dimensão que o conhecimento em trabalhar com alunos com TEA tem em sua formação. Nossa intenção também será de despertar atenção para as possíveis dificuldades que

podem ocorrer em incluir o aluno com TEA nas aulas como também discutir possíveis soluções para suprir estas dificuldades.

RESULTADOS DA PESQUISA: após finalização do estudo, os resultados serão entregues para as escolas e participantes para divulgação e discussão dos dados encontrados com intenção de traçar metas de aperfeiçoamento da temática junto aos professores e as instituições de ensino envolvidas.

INFORMAÇÕES: a qualquer momento o senhor(a) poderá acessar informações desta investigação, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para esclarecer eventuais dúvidas pelo telefone (63) 99975-1578 ou pelo e-mail: kamilahborgespimentel@gmail.com.

ASSISTÊNCIA AO PARTICIPANTE: durante toda a fase da pesquisa, os entrevistados terão todo acompanhamento e assistência em caso de dúvidas durante a entrevista.

PARTICIPAÇÃO VOLUNTÁRIA: sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

DESISTÊNCIA DO PARTICIPANTE: mesmo após consentir sua participação, o Sr (a) tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, seja antes ou depois da coleta dos dados, independente do motivo e sem nenhum prejuízo a sua pessoa.

SEM DESPESAS: o(a) Sr(a) não terá nenhuma despesa e não receberá nenhuma remuneração.

RESSARCIMENTO: em qualquer momento, se você sofrer algum dano financeiro comprovadamente decorrente desta pesquisa você terá direito ao ressarcimento deste valor.

SIGILO: os dados e resultados desta pesquisa serão analisados e publicados, mas sua identidade não será divulgada em nenhum momento, sendo guardada em total sigilo.

DÚVIDAS E CONTATO: para obtenção de informações sobre os seus dados, esclarecimentos ou críticas, em qualquer fase do estudo, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador responsável no endereço Rua XV de Novembro nº 452 – Centro, Tocantinópolis-TO, ou pelo telefone (63) 999751578. Em caso de dúvidas quanto aos aspectos éticos da pesquisa o(a) Sr (a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UFT. O Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) é composto por um grupo de pessoas que estão trabalhando para garantir que seus direitos como participante de pesquisa sejam respeitados. Ele tem a obrigação de avaliar o planejamento e execução da pesquisa em seus aspectos éticos. Se você achar que a pesquisa não está sendo realizada da forma como você imaginou ou que está sendo prejudicado de alguma forma, você pode entrar em contato com o CEP da Universidade Federal do Tocantins pelo telefone 63 3229 4023, ou pelo e-mail: cep_uft@uft.edu.br, ou Quadra 109 Norte, Av. Ns 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado, CEP-UFT 77001-090 - Palmas/TO. O (A) Sr. (a) pode inclusive fazer a reclamação sem se identificar, se preferir. O horário de atendimento do CEP é de segunda e terça das 14 as 17 horas e quarta e quinta das 9h às 12h.

Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo sr. (a), ficando uma via com cada um de nós.

Eu, _____, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, sabendo que não receberei nenhum tipo de compensação financeira pela minha participação neste estudo e que posso sair quando quiser.

_____, de _____ de _____

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável